

COLO-PROCTOLOGIA: ESTÓRIAS DA HISTÓRIA

FLAVIO ANTONIO QUILICI, TSBCP

QUILICI FA - Colo-proctologia: estórias da História. *Rev bras Colo-Proct*, 1994; 14(1): 43-48

O ser humano, como o conhecemos, tem aproximadamente 600.000 anos de vida, 6.000 de história e 200 de desenvolvimento científico.

A Medicina inicia-se com a própria origem da criatura humana e a Colo-proctologia, que como especialidade médica poderia-nos parecer recente, tem, na realidade, uma história de 5.000 anos, com uma série de técnicas operatórias e vários instrumentos cirúrgicos desenvolvidos por povos da Antiguidade.

Essa história começa há cerca de 3.000 anos a.C., no antigo Egito, sendo desta época o médico mais antigo conhecido, *Hesy-Ra* (Fig. 1) (2).



Fig. 1 - *Hesy-Ra*, do Egito, o médico mais antigo que se tem notícia, viveu há cerca de 3.000 a.C.

Nos escritos encontrados na *coluna de Isi*, de 2.750 anos a.C., a medicina egípcia mostrava-se bastante adiantada, e com alguma especialização, tratando de áreas distintas. Nesta época, o médico das doenças anais do Faraó apresentava-se com o título de “*Guardião do Ânus do Faraó*” (1). A Medicina era tida como de origem divina e seu deus era Tot. Segundo a lenda, ele transformou-se no pássaro Íbis que, introduzindo seu bico cheio de água no ânus de um médico que se banhava no rio Nilo, ensinou-lhe os benefícios dos enemas (2).

Há 1.500 anos a.C, segundo um papiro egípcio achado em Tebas e estudado por Georg Ebers em 1872, e que se encontra na Universidade de Leipzig, Alemanha, há receitas para o tratamento de hemorróidas, diarreia, vômitos, além de ervas farmacológicas com efeito purgativo e emético (1, 2, 8).

No ano de 1.300 a.C, há a primeira publicação conhecida, somente sobre assuntos proctológicos, o papiro de Chester Beatty, escrito pelo primeiro proctologista que se tem notícia, o médico Iri da XIX dinastia egípcia, exposto no Museu Britânico, em Londres (1, 2, 8).

Vem da Mesopotâmia a primeira tabela de honorários proctológicos: na 1ª dinastia Amorita, o rei Hammurabi, da Babilônia, no ano de 2.200 a.C., estabelece um código de leis, encontrado em Susa, em 1901 (Fig. 2), com 282 artigos, incluindo a especificação de honorários: “Se um doente for curado de uma enfermidade intestinal, o enfermo dará ao doutor cinco moedas de prata”. Esse achado evidencia a importância dessas enfermidades na Antiguidade (1, 2, 5, 8).

Na Índia, cerca de 1.000 anos a.C., a doença hemorroidária era denominada de “*Arsa*” e, no livro *Susruta*, há as “*Leis de Manu*” (que significa na mitologia hindu: o primeiro homem), com referências ao tratamento das hemorróidas, abscessos e fístulas perianais, prolapso e tumores retais. A deusa para a Medicina, na Índia antiga, era chamada de *Shiva* (1, 2, 5).

No Velho Testamento existem várias passagens abordando as doenças anais, como no capítulo 5, versículo 6, do livro de Samuel, onde há a passagem: “A ira de Deus cairá na forma de hemorróidas contra os Filisteus, por roubarem a Arca da Aliança” (8).

É desta época o código de Talmud, a interpretação autêntica do Torá, dos judeus, com assuntos cívicos, penais e religiosos, mas onde encontramos também referências sobre as operações das fístulas anais e os cuidados rigorosos em relação à higiene com o material fecal e à pederastia (8).

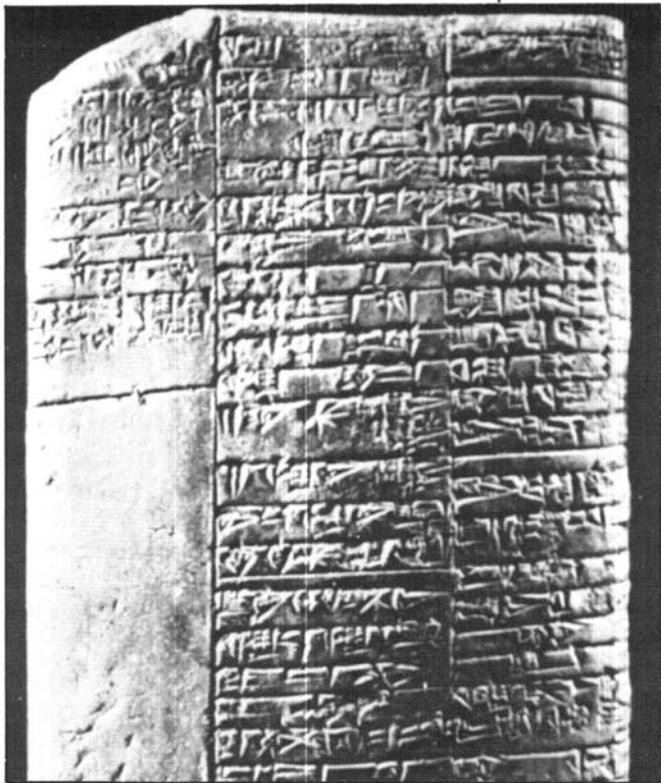


Fig. 2 - Código de Hammurabi, rei da Babilônia, ao redor de 2200 a.C.

Chegamos à era Greco-romana, século IV a.C., com seu deus da Medicina e filho de Apolo, chamado pelos gregos de Esculápio, e de Asclépio pelos romanos. É desta época o célebre médico grego, Hipócrates, considerado “o Pai da Medicina”, nascido no ano de 460 a.C., na ilha de Cos, onde foi discípulo do médico Heródico de Selimbria (Fig. 3). Seu juramento é um compromisso conhecido e respeitado até hoje por todos os médicos. Teve dois filhos, Tesolo e Dracón, que compilaram seus trabalhos num compêndio denominado de “*Corpus Hippocraticum Peri Syriggon*” (1-5, 7, 8, 10).

Segundo Hipócrates, as hemorróidas eram necessárias ao organismo, devendo ser respeitada sua presença. Seu tratamento era realizado através da destruição somente dos mamilos hemorrágicos, com o cuidado de preservar-se pelo menos um deles. Ensinava essa destruição, por meio de cáus-

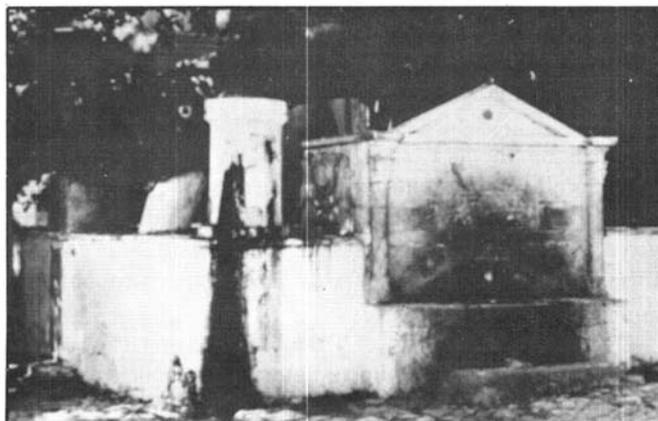


Fig. 3 - Local onde Hipócrates ministrou seus ensinamentos a muitos discípulos, na ilha grega de Cos.

tics, excisão e ligadura ou mesmo cauterização com “ferro em brasa”. Quanto às fístulas perianais, orientava seu modo de exploração, a medida de sua extensão e seu tratamento com adstringentes. À procidência retal, recomendava tratamento conservador com reintrodução e fixação de bandagem em “T”. Ele, pela primeira vez, aborda o uso de um espéculo para o exame retal: “descansando o paciente sobre seu dorso, examina-se a parte ulcerada do intestino, por meio do espéculo retal” (1, 2, 8).

Hipócrates exerceu a medicina no norte da Grécia, região da Tessália, e faleceu e foi enterrado em Larissa, no ano de 377 a.C. (2).

É desta época a primeira escola médica conhecida no mundo, a de Alexandria, sendo o ensino ministrado por meio de oito livros denominados “Tratados Médicos”, e sua biblioteca uma das maravilhas do mundo antigo (2).

No período em que viveu Cristo já havia na cidade de Pompéia, ao sul da Itália, a “Casa dos Cirurgiões”, descoberta nas escavações de 1819 e onde foram encontrados instrumentos cirúrgicos de ferro e bronze, havendo inclusive um espéculo para exame retal chamado de catoptro. É desta época que Celsus (Aulus Cornelius Celsus, 30 a.C. a 38 d.C.), médico de Tibério, imperador romano, reafirma serem as hemorróidas úteis para a purificação do organismo e descreve o tratamento das fístulas com abertura feita com bisturi, associado à aplicação de um tubo endorretal para evitar aderência e estenoses (1, 2, 3, 5, 8).

No segundo século, aproximadamente no ano de 165 d.C., Cláudio Galeno descreve em seu livro “As epidemias”, vários tópicos proctológicos, sendo os principais: a descrição dos músculos anais, o tratamento das hemorróidas por meio de sangria no braço, para deter o fluxo hemorrágico, e relata o uso de um bisturi específico para as cirurgias das fístulas, com formato de meia-lua e com ponta longa e flexível, que chamou de “syringotomo” (Fig. 4) (1, 5, 8).

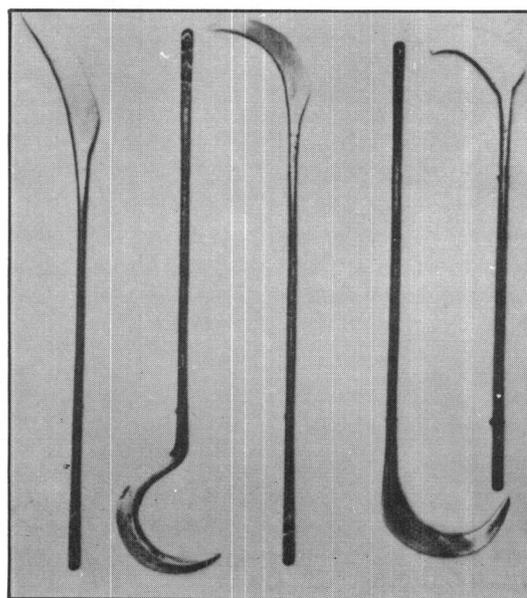


Fig. 4 - Os “Syringotomos”, bisturis específicos para as cirurgias das fístulas perianais, com formato de meia-lua e ponta longa e flexível, idealizado por Galeno (165 d.C.).

Nos séculos II e III d.C., sobressaem-se em Alexandria os médicos árabes nas técnicas para cirurgias proctológicas e um deles, Abul-Kasim, indicava a cauterização do trajeto fistuloso com “ferro em brasa” sobre uma sonda acanelada para o tratamento das fístulas (1, 2, 5, 8).

No século VI, Aécio, de Constantinopla, apresenta um manuscrito, que se encontra no Museu Britânico, onde descreve a técnica operatória para a doença hemorroidária, com o paciente em posição genupeitoral e tração com exposição dos mamilos com gancho e incisão circular com bisturi de lâmina ampla (Fig. 5) (1, 8).



Fig. 5 - Técnica operatória para doença hemorroidária, com o paciente em posição genupeitoral e tração com exposição dos mamilos com gancho e incisão com bisturi de lâmina ampla, esquematizada por Aécio de Constantinopla, século VI.

É desta época, 600 anos d.C., a história de São Fiacro (Fig. 6), o padroeiro dos jardineiros e talvez dos proctologistas. Foi primogênito de Eugênio IV, Rei da Escócia, e decidiu-se pelo sacerdócio, seguindo para a França, onde construiu uma capela na região de Brie, próxima a Paris. Lá adquiriu a fama de benfeitor dos pobres e doentes, além de obter flores e frutos esplêndidos que plantava em seu jardim. Tais fatos atraíram a inveja do arcebispo local, que o castiga, obrigando-o a ficar orando, sentado sobre uma pedra, até sua morte. Essa pedra, segundo a lenda, adquiriu o formato das suas nádegas e passa a ser milagrosa.

São Fiacro faleceu em 30 de agosto de 670 e foi enterrado em sua capela, começando daí uma série de peregrinações a esse local, principalmente de pessoas com doenças anais, pois, segundo a lenda, quem sentasse na sua pedra obtinha a cura das hemorroidas (8, 9).

Na Idade Média, entre os anos 1.000 e 1.400 d.C., o nome hemorroidas tornou-se desleal, passando a doença a ser denominada de “Mal de São Fiacro”. Nesse período, o empalamento é utilizado como forma de tortura e execução, mas é também desta época a construção de hospitais e asilos como obras de solidariedade humana (8).

Nessa época, Avicenna (Abu ‘Alli al-Husayn ibn Sina, médico iraniano, 980 a 1037 d.C.) descrevia em seu Cânon



Fig. 6 - São Fiacro, há cerca de 600 d.C., tido como padroeiro dos proctologistas.

da Medicina a técnica a qual denominou de “Anodação da fístula”, e que se caracterizava pela passagem de fio de linho ou crina de cavalo torcida pelo trajeto fistuloso e, com a sua anodação, tratava a fístula, método até hoje empregado para alguns tipos de fístulas (1, 2, 5, 8).

Surgem as grandes universidades medievais, onde passa a ser ministrado o ensino da arte da Medicina. Foi Frederico II, Rei da Itália, que em 1224 decreta a diferenciação entre os cirurgiões formados nessas universidades dos chamados “cirurgiões barbeiros”, que faziam seu aprendizado diretamente com outros médicos (2, 3, 4).

Nesse período medieval, em 1307 d.C., nasce em Newarck, Nottingham, John Arderne, que tornou-se, durante a Guerra dos 100 Anos, um grande cirurgião militar inglês. Em 1349, ele publica, em latim, sua obra denominada “Practica Magistri Johannis de Arderne”, toda ela sobre assuntos proctológicos. Nela, diferencia trombose hemorroidária de coágulos perianais e como operá-los. Para as fístulas, utiliza a cauterização do trajeto ou a técnica da “anodação do trajeto”. Ele é retratado, numa pintura existente no Museu Britânico, realizando um exame proctológico: com o indicador da mão direita faz o toque retal e com a esquerda mantém um instrumento para exploração da fístula perianal (Fig. 7) (1, 2, 5, 7).



Fig. 7 - Realização de exame proctológico por John Arderne (1349 d.C.): com o indicador da mão direita faz o toque retal e com a esquerda mantém um instrumento para a exploração de fístula perianal.

No entanto, ironicamente em 1422, o Rei Henrique V da Inglaterra morre em Vincennes, aos 35 anos, de uma fístula não curada (8).

Começa o século XVI (1.500 d.C.), época do renascimento das artes e das ciências. Nesse período, as hemorróidas com hemorragias passam a ter indicação absoluta de cirurgia devido à anemia que acarretavam. Também são publicados importantes estudos da anatomia anorretal: na França, por Ambrosio Paré, na Itália por Leonicemus, na Inglaterra por Linacre, na Suíça por Paracelso e na Bélgica por Vesalio (2, 7).

No século XVII, Giovanni Battista Morgagni (1682-1771) evidenciou que as hemorróidas não existiam nos animais e caracterizou a sua etiologia à posição vertical do homem, associada à ausência das válvulas venosas na circulação retal e à predisposição hereditária (2).

Nos séculos XVII e XVIII é amplamente difundida a teoria da auto-intoxicação pelas fezes e, portanto, o uso rotineiro de laxativos e enemas, para limpeza das impurezas orgânicas (Fig. 8) (5, 7).

Do século XVII, encontra-se, na Biblioteca Nacional de Paris, uma interessante publicação do médico real D' Aquin, o "Jornal da Saúde do Rei Louis XIV". O Rei Sol, como era chamado, sofreu de uma fístula anal durante 10 anos, tendo sido tratado com purgantes, cáusticos locais e cauterizações, sem qualquer melhora. Assim, o primeiro cirurgião real, Félix



Fig. 8 - Realização de enema retal no século XVII.

de Tassy e seu auxiliar Bessières, após um ano de treinamento com variadas técnicas operatórias realizadas nos mendigos de Paris, operaram o Rei Louis XIV com um siringótomo (bisturi para fístulas), em cuja extremidade prolongava-se um estilete para guiar a incisão do canal anal. A operação aconteceu no palácio de Versailles, no salão Olho de Boi, em 18 de novembro de 1686. Já curado, o Rei passeia nos jardins de Versailles em 15 de janeiro de 1687. Nessa ocasião, passa a ser elegante na corte, ter doenças anais. O cirurgião Félix é alvo da inveja geral, devido principalmente à grande recompensa em dinheiro e terras que recebeu de sua majestade (1, 8).

Não são somente as fístulas que têm histórias na Proctologia, mas também as hemorróidas. Grandes figuras da humanidade foram acometidas pela enfermidade: Tibério, Lutero, Richelieu. O Czar Pedro III, Imperador da Rússia, morreu em 5 de janeiro de 1702, de hemorragia no pós-operatório de uma cirurgia hemorroidária (1).

Porém o fato mais polêmico diz respeito à batalha de Waterloo, em 18 de janeiro de 1815, onde Napoleão Bonaparte, o Grande Imperador da França, teve ou não uma crise hemorroidária que o impediu de montar seu cavalo e, desta forma, perdeu horas importantes para realizar sua estratégia militar, ou se, na verdade, foram as chuvas que impossibilitaram o posicionamento dos canhões, provocando sua derrota para o Duque de Wellington (1).

É no século passado que se inicia a Medicina Moderna. E com ela a cirurgia proctológica sofreu um grande avanço,

pois até então o tempo da operação era fundamental, uma vez que não havia anestesia e a rapidez era a característica dos grandes cirurgiões.

Foi um dentista de Connecticut, Horace Wells, que introduziu a anestesia, com protóxido de nitrogênio, nas intervenções cirúrgicas, sendo a primeira operação da História sob anestesia, realizada em 16 de outubro de 1846, no Hospital Geral de Massachusetts (2, 5, 7, 10).

Outro conceito fundamental para a cirurgia, incluindo as colo-proctológicas, foi o da assepsia nas operações, iniciada com a publicação, em 1857, por um obstetra húngaro, Igác Fülöp *Semmelweis*. Trabalhando em Viena, ele identificou que a causa freqüente de morte em gestantes, pela febre puerperal, era devido à contaminação pelas próprias mãos dos parteiros, que examinavam as parturientes sem as lavar e desta forma disseminavam a doença. Foi o primeiro a reconhecer o caráter infeccioso e transmissível da febre puerperal, preconizando a assepsia das mãos e instrumentos dos obstetras. Seu estudo foi completamente desacreditado e ele, desgostoso, abandonou a Medicina, morrendo aos 46 anos, em 1865, com infecção generalizada provocada propositalmente, segundo alguns historiadores, se auto-infectando pelas bactérias da febre puerperal (2, 5, 7, 10).

Pouco tempo após, Joseph *Lister*, de Glasgow, em 1867, publica no *Lancet* sua experiência com assepsia antimicrobiana e sua importância para combater as infecções. Estes conceitos, semelhantes aos de *Semmelweis*, são melhor recebidos e, juntamente com os de Louis *Pasteur*, perduram até hoje (2, 5, 7, 10).

Em Dublin, Escócia, um cirurgião, John *Houston*, publica, em 1830, um estudo da anatomia retal, muito importante, e devido ao qual as válvulas retais levam seu nome até hoje.

Na França, em 1865, *Desormaux* cria o primeiro retossigmoidoscópio com tubo metálico e iluminação própria para examinar o intestino (Fig. 9). Em 1895, *Quenu* e *Hartmann* publicam um importante estudo dos tumores vilosos do reto (8).

Na Inglaterra, um cirurgião proctológico *Frederick Salmon*, funda, em 1835, a 1ª instituição especializada somente em doenças anorretais com o nome de Hospital São Marcos (Fig. 10). Inicialmente localizado na Aldergate Street, nº 11, possuía sete leitos; três anos após mudou-se para a Charter House Square, 38, com 14 leitos, onde permaneceu por mais 13 anos; finalmente, fixou-se na City Road, onde se encontra até hoje. *Salmon* aí trabalhou até 1859, tendo realizado mais de 3.500 operações proctológicas. No Hospital São Marcos trabalharam grandes nomes da proctologia: *Gabriel*, *Lockhart-Mummery*, *Lloyd-Davis*, *Dukes*, *Milligan*, *Morgan*, *Morson*, *Goligher*, *Parks*, *Todd*. Lá estagiaram, também, importantes proctologistas de todo o mundo (1).

Contribuiu para o diagnóstico das doenças colorretais o desenvolvimento da radiologia, descoberta pelo físico alemão *Wilhelm Konrad Roentgen*, em 22 de dezembro de 1895. Outro avanço, já no nosso século, foi o uso dos antibióticos no combate às infecções operatórias, iniciado com a desco-

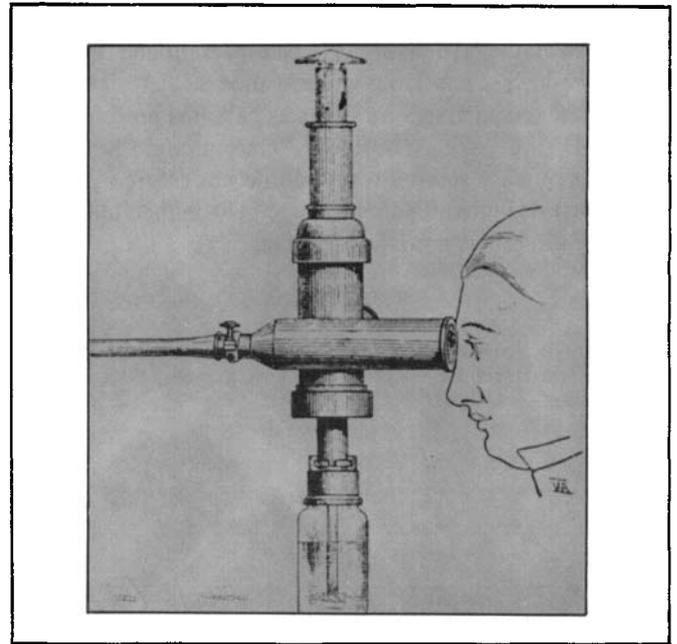


Fig. 9 - Esquema do primeiro retossigmoidoscópio com tubo metálico e iluminação própria idealizado por *Desormaux*, em 1865.



Fig. 10 - Hospital São Marcos, Lourdes, a primeira instituição especializada em doenças anorretais, fundado por *Frederick Salmon*, em 1835.

berta da ação antibacteriana do penicillium por *Alexander Fleming* em 1939. Importantes também foram o desenvolvimento da endoscopia dos cólons e a sutura mecânica, na década de 70 (2, 5, 7, 10).

Nesse século, centros médicos especializados em Colo-proctologia são criados em todo o mundo. Em 1916, nos EUA, o cirurgião *L. Buie* funda o departamento de Colo-proctologia na Mayo Clinic, e na França, em 1919, *Raul Bensaude* cria um centro especializado no Hospital Saint Antoine, em Paris, onde realiza o tratamento das hemorróidas internas por injeções esclerosantes (1, 8).

A Colo-proctologia brasileira tem como pioneiro, em 1914, o médico pernambucano *Raul Pitanga Santos*, clinicando no Rio de Janeiro. A Sociedade Brasileira de Colo-proctologia é fundada em 12 de setembro de 1934, no Rio de Janeiro, na presença de 20 médicos, entre os quais *Leão de Aguiar*, *Bueno Brandão* e *Pinto Rocha*. Em 30 de outubro de 1945 é eleito, na Bahia, seu primeiro presidente, o médico

Sílvio D'Ávilla. A partir de então esta sociedade passa a contribuir na evolução e divulgação da especialidade no Brasil.

Em todo esse passeio por 5.000 anos de histórias e estórias permanecem atuais e válidas as palavras proferidas, no século IV a.C., por Aristóteles: "Ontem como hoje, hoje como amanhã, é sempre resultado de um esforço presente na história da humanidade: o esforço pelo conhecimento que define e diferencia a criatura humana" (1).

REFERÊNCIAS

1. Albor GF. História sucinta de la Proctologia. In: Lentini, J. Temas de Colo-proctologia. Ed. Fontalba, Barcelona, Espanha, 1982.
2. Entralgo L. História Universal de la Medicina. Ed. Salvat, Madrid, Espanha, 1976.
3. Grandes Personagens da História Universal. Ed. Mondadori, Milão, Itália, 1972.
4. História em Revista. Ed. Time-Life Livros, R.J. Brasil, 1993.
5. Inglis B. A History of Medicine. Ed. World, New York, USA, 1965.
6. Larousse Cultural. Ed. Universo, S.P., Brasil, 1988.
7. Lyons AS, Petrucelli RJ. Medicine, An Illustrated History. Ed. Harry N. Abrams, New York, USA, 1987.
8. Raffo JM. Proctologia. Ed. El Ateneo, B. Aires, Argentina, 1940.
9. Saraiva Leão PH. Hemorróidas: fatos e ficções. Ed. UFC, Fortaleza, Brasil, 1988.
10. Zimmerman LM, Veith I. Great Ideas in the History of Surgery. Ed. Dover, New York, USA, 1967.